



## **Rezadeiras e Curandeiras: no diálogo (ético)inter-religioso nas tradições do povo indígena Pankaiwka**

**Wellcherline Miranda Lima<sup>1</sup>**

### **Introdução**

A interação ética e inter-religiosa das mulheres indígenas em Pankaiwka, no âmbito religioso, expressa através do cotidiano e das representações da memória coletiva, bem como os elementos da dinâmica social inseridos nas tradições presentes na sua comunidade.

A ética das religiões insere-se na dimensão da ordem social e na sua diversidade, não somente na união estável da “mágica e ritual, e na sua realidade” (WEBER, 2009, p.385), mas também sobre a disposição que se encontra no mundo e suas relações.

O povo indígena Pankaiwka, localizado no município de Jatobá (PE), contém na sua tradição elementos religiosos, tais como os Praiás, a maraca, o toante, a fim de promover o sagrado. No entanto, no cotidiano daquele povo há sujeitos (mulheres) que promovem o bem-estar do outro através do diálogo inter-religioso e na elaboração da crença/fé. As rezadeiras e curandeiras que interagem como os elementos do sagrado e da chamada mãe-natureza e a sua relação com outras religiões presentes no povo.

O ato de rezar está correlacionado a uma evocação, uma petição revestida de rituais, no caso das rezadeiras, temos as orações e santos do catolicismo devocional (PRANDI, 2004, p.146-159).

Esses sujeitos históricos construíram representações identitárias através da bagagem cultural acumulada em seus locais de origem, adquiridos através de saberes orais.

---

<sup>1</sup> Historiadora, Bióloga e Mestre em Ciências da Religião. Email: wellcherline@yahoo.com.br



No desenvolvimento da pesquisa realizada através do registro da história oral do povo do Pankaiwka através das incursões da etnografia imersa na metodologia da Antropologia e Antropologia da Religião e a Etno-história obtendo a observação participante que será como o meio de divulgação da religiosidade dos indígenas do Nordeste.

### **Conhecendo os caminhos dos Pankaiwka**

O povo indígena Pankaiwka está situado na antiga Fazenda Cristo Rei, onde atualmente se localiza a aldeia Pankaiwka, fica a quatro quilômetros e meio da BR 110, no interior semiárido do Estado de Pernambuco, Município de Jatobá, numa região denominada Vale do São Francisco.

As terras da etnia Pankaiwka estão inseridas nos domínios da Macro Bacia do Rio São Francisco, da Bacia Hidrográfica do Rio Moxotó e do Grupo de Bacias de Pequenos Rios Interiores, este contexto hidrográfico é fundamental para a compreensão dos fluxos populacionais que dão origem aos Pankaiwka.

Nas proximidades do Rio São Francisco entre os Estados brasileiros de Pernambuco e Bahia, na região da Volta do Moxotó, no município de Jatobá com a distância de 276 km da capital Recife/Pernambuco, onde há o aldeamento desta etnia, a partir do registro da retomada nos fins dos anos 1990.

A etnia em destaque é oriunda do tronco étnico do Povo Pankararu (ARRUTI, 2004, p.49), que promove uma relação com o significado denominativo *Pankaiwka* como “filho de Pankararu”. A pequena população dos Pankaiwka apresenta elementos de sentido religioso como a marca presente no calendário anual, divisão dos trabalhos, nos espaços sagrados inseridos na vida desse povo.

As dimensões culturais e religiosas serão caracterizadas por uma interinfluência ativa a partir da descrição dos rituais, como entoar o encanto através da Maracá, e dos relatos dos seus protagonistas.



Contudo, a sua religiosidade per passa como elemento (in)visível e transpassa nos adereços e no seu dinâmico processo de (re)construção, vai selecionando elementos religiosos das tradições implícitas dos Pankaiwka e reorganizando-as em novas concepções de crenças nos “Encantados<sup>2</sup> de Luz” e prática rituais, absorvendo outras dimensões religiosas, difuso na cultura e religiosidade brasileira, ao mesmo tempo que é assimilada por eles, produzindo um encontro de inter-relações em que elementos religiosos são reelaborados reciprocamente.

A relevância da tradição religiosa indígena dos Pankaiwka, a partir da década de 1990, dos estudos sobre os indígenas com os movimentos religiosos inseridos nas pesquisas contemporâneas da Antropologia da Religião, bem como, os sistemas de identificação étnica dos índios do Nordeste (LIMA, 2015).

Nota-se que a expressão religiosa indígena representada pelo *Toré* – expressão cultural de caráter também religiosa - está correlacionada à afirmação da identidade.

### **Rezadeira e Curandeira: “Proteção e cura”**

A transcrição da memória descreve as rezadeiras e curandeiras<sup>3</sup>, não apenas como gênero majoritário na prática da proteção e cura no cenário de Pankaiwka, mas também tangenciam para um diálogo entre experiências religiosas que acenam para o cotidiano das relações familiares, de saúde, do trabalho agrícola e doméstico.

Essas mulheres explicam suas histórias de vida, da comunidade que vivem e práticas de reza mediante o contato com os encantados da natureza, que através das “atuações”, visões e diversas outras formas de sofrimento adquiriram a capacidade para realizar rezas e curas.

Em Prandi (2004), os rituais de iniciação, aceitação e aprendizado depende da forma como os encantados se apresentam: ataques, ameaças ou

---

<sup>2</sup> Segundo Carneiro da Cunha “... encantados: são seres sobrenaturais, que quando invocados , protegem, aconselham...” (2007, p. 50).

<sup>3</sup> No universo de Pankaiwka não houve distinção conceitual entre rezadeira e curandeira, disso seguimos a citação denominativa.



equilíbrio e harmonia, onde cabe ressaltar o papel da comunidade na elaboração social da vocação e dos laços e níveis de hierarquia diferenciados – proteção, medo, preconceito, respeito – no trato dessas mulheres, reforçando estrategicamente o papel social.

Nota-se que o poder de rezar é um dom, mas a pluralidade de experiências que levam as rezadeiras a “desenvolver” o ofício é múltipla.

A narrativa das rezadeiras e curandeiras de Pankaiwka apresenta através da memória da história oral das protagonistas e suas desenvolturas de interpretar e mediar a inserção dos jovens iniciados em práticas religiosas diversas na tradição da comunidade e a sua relação com as tradições da etnia, bem como a presença do catolicismo popular e evangélica.

Nos relatos da nossa pesquisa que se inicia o despertar sobre o campo da religiosidade na etnia Pankaiwka através da minha atividade profissional de realizar o atendimento Educação Escolar Indígena (EEI) aos povos indígenas em Pernambuco.

A pequena etnia está distribuída em pequenas casas que são de taipa, tamanho pequeno, com um a dois quartos e sala; a cozinha e o banheiro ficam na área externa da residência e em média moram de 4 a 6 pessoas nessas residências. Apenas a Escola é de estrutura de alvenaria.

Durante a visita na Escola Estadual Indígena Pankaiwka, conheci a Coordenadora (EEI) Maria Francisca Araújo da Silva, conhecida como irmã Francisca Pankaiwka. Por ser “indígena e evangélica”, Francisca Pankaiwka que despertou a minha atenção devido ao meu projeto de pesquisa sobre Religião e Cultura, logo a mesma foi informando sobre sujeitos religiosos pertencentes a aldeia indígena Pankaiwka que tem relações com o sagrado.

Comentei com Francisca Pankaiwka sobre o meu projeto de pesquisa, e da possibilidade da etnia disponibilizar informações sobre a religiosidade, de maneira ampla, dos Pankaiwka. Em seguida com a elaboração do questionário amplo de vinte perguntas sobre a tradição religiosa desta etnia para análise e sistematização das tradições do Pankaiwka que nos reemitiram com a seguinte descrição: “Esta atividade foi realizada no dia 27



de abril de 2015, junto com a liderança mais velha que participou e participa até hoje da cultura religiosa do povo Pankaiwka, desde seu surgimento [...]”.

Em visita posterior, notamos na descrição e nas falas dos sujeitos protagonistas as semelhanças com a tradição religiosa com os rituais do Povo Pankararu, tais como: Dança do Cansanção<sup>4</sup>, Flechamento do Imbu e o Toré.

Para DaMata diz que o ritual “... tem como traço distintivo de dramatização, isto é, a condensação de algum aspecto elemento ou relação, colocando-o em foco, em destaque” (1979, p. 30).

Na visita ao povo, durante uma conversa informal, conheci as rezadeiras e curandeiras<sup>5</sup>, Claudiana e Edilene, mulheres indígenas do Povo Pankaiwka que invocam com auxílio das forças da natureza o que, segundo elas, garantem a proteção e a cura dos necessitados.

Nota-se que para muitos, a relação entre as incorporações de espíritos, caboclos e o consumo de álcool em alguns rituais de pajelança são genericamente designadas como bruxaria, macumba ou feitiçaria. Pelo menos esse tem sido o discurso vinculado ao catolicismo oficial, e às diversas formas de religiosidade nos últimos séculos de colonização presentes.

Acrescenta a esses, tomar cachaça e fazer adivinhação. Muitas religiosidades utilizam o consumo de bebidas alcoólicas nas práticas religiosas, mesmo esta não sendo consumida em certas ocasiões.

No entanto, a apreciação de bebidas foi adotada no imaginário popular como sinal dessas crenças. Assim como a adivinhação, amplamente divulgada e igualmente procurada por populares, porém, jamais assumida por essas pessoas, bem como pela maioria dos próprios “adivinhos”.

A reza é vista nesse momento como uma dádiva, algo que brotou espontaneamente na cabeça da rezadeira. Conforme Prandi (2004) nas pessoas que tem o dom de viajar a outros mundos, abre-se a possibilidade de

---

<sup>4</sup> Dança do Cansanção, expressão rítmica entre os sujeitos com o uso da planta urticária chamada Cansanção. O fechamento do Imbu: ocorre próximo a safra do fruto Imbu no período dos primeiros meses do ano.

<sup>5</sup> Durante a conversa com as protagonistas não houve distinção conceitual sobre as expressões descritas, diante disso seguiremos com os dois elementos expostos.



manifestações dos encantados no espaço físico em corpos de animais aquáticos, terrestres e aves de agouro de todo gênero.

Voltemos ao encontro com Claudiana e Edilene. Quando chegamos à aldeia, perguntamos pelas mulheres que tem vínculo com o sagrado e citaram as rezadeiras. Na visita à rezadeira e curandeira Claudiana, numa tarde invernosa, fomos convidados para entrar em sua residência era um local pequeno, com paredes de barro, coberta de telha e com muitas imagens de santos.

Durante a conversa sobre o seu pertencimento ao Povo Pankaiwka e as suas tradições foi levantado à pergunta sobre a condição de ser rezadeira e curandeira daquela etnia e como fazer para promover a “boa relação” com as demais crenças (tradição da etnia, católicos e os evangélicos) dentro do território Pankaiwka. As mesmas indagações foram levantadas para a outra rezadeira e curandeira, Edilene também em sua residência com estrutura semelhante da outra rezadeira.

A mensagem apresentada no diálogo com as rezadeiras é que nomeia e sendo percebida pela força da natureza enquanto preço pela consolidação da identidade de ser rezadeira, isto é, não se tratava da perda do contato com o sobrenatural, mas de estabelecer outras formas de comunicação.

O dom e o autocontrole deste implicaram no reconhecimento de uma identidade que passa não apenas pela iniciação nas rezas ou na aquisição dos saberes da natureza, mas também pelos mínimos aspectos do cotidiano.

### **Pankaiwka: Diálogo (ético) inter-religioso no cotidiano**

Sabemos que cada religião tem o interesse de garantir a manutenção do poder das instituições constituições e hierarquias e promover dinâmicas pelo o bem-estar dos sujeitos.

As autoridades religiosas oferecem como base as normas religiosas de sua crença. Sabemos que oferecem apoio, auxílio e esperança inserida na dinâmica própria da instituição a fim de atender o interesse próprio e/ou do grupo social (LIMA; SÁ, 2013)



O sujeito na tradição e/ou no dom, no caso as rezadeiras e curandeiras, está envolvida no bem-estar dos demais sujeitos. Direciona-nos para o bem-estar incondicional obtendo o resultado da dignidade da pessoa humana que é a base fundamental e a objetividade da “ética humana” (KUNG, 2003, p.102).

**Na contribuição de Hans Kung nos orienta:**

E somente as religiões conseguem fazer isso com uma autoridade incondicional. Isso tudo também significa que as religiões apontam no concreto da vida das pessoas, a integridade, a liberdade e a solidariedade. Dessa forma, direitos humanos podem ser instituídos não da forma positiva, mas também ser fundamentados em sua profundidade última [...] (2003, p.102, grifo nosso).

Nos aspectos do cotidiano, há em Pankaiwka os elementos da tradição do povo herdados da rama dos Pankararu, mas nota-se a presença de católicos e evangélicos além das rezadeiras e curandeiras que pertencem neste cenário religioso.

Chamou-nos à atenção dentro deste cenário as rezadeiras pelo seu papel social e religioso e da dinâmica que exercem e mediam entre a tradição do povo e os demais seguimentos religiosos no caso católico e protestante.

Na dinâmica social e religiosa exercida pelas rezadeiras e curandeiras há o conhecimento dos demais sujeitos religiosos bem como a sua valorização dos mesmos.

## **Considerações Finais**

Os laços de cumplicidade do “fazer-se” das protagonistas em questão apontavam para a afirmação das tradições, sem negar suas atualizações sendo que a rezadeira e curandeira (re) constrói o episódio interpretando não apenas as palavras delas, mas a relação entre ela e a natureza diante o momento.

Lembramos que a ética das religiões não é o negócio e nem um jogo, não se promover de uma única lei ou somente de uma situação. A dinâmica no âmbito religioso deve-se atender o bem e o correto, longe das críticas e questões de ordem individual.



A ética das religiões é necessária não somente para impedir o transtorno no campo social, mas para haver o engajamento especial e diferente entre as religiões, assim como há em nas protagonista em Pankaiwka.

## **Referências**

ARRUTI, José Maurício Andion. **A árvore Pankararu: fluxos e metáforas da emergência étnica no sertão do São Francisco**. In: Pacheco de Oliveira, João (Org.). **A viagem da volta: Etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste Indígena**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004.

CARNEIRO DA CUNHA, Maximiliano. **Performance e prática nos cerimoniais Pankararu**. In: ATHIAS, Renato. (Org.). **Povos Indígenas de Pernambuco: identidade, diversidade e conflito**. Recife: Editora Universitária, 2007.

DAMATA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

KUNG, Hans. **Projeto de Ética Mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana**. São Paulo: Paulinas, 2003.

LIMA, Wellcherline Miranda. **Povo Pankaiwka: Relatos da Tradição Cultural e da Religiosidade na Volta do Moxotó**. Dourados/MS: III Congresso Iberoamericano de Arqueologia, Etnologia e Etno-história. Universidade Federal de Grande Dourados (UFGD), 2015.

\_\_\_\_; Sá, E. A. **Ética das Religiões e Educação em Direitos Humanos – EDH**. Campina Grande/PB: I Simpósio Nordeste da ABHR. Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), 2013.

PRANDI, Reginaldo. **Encantaria Brasileira: O livro dos mestres, caboclos e encantados**. Organizador; textos de André Ricardo de Souza et. al. – Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. Vol. 01. Brasília: Editora da UNB, 2009.